

APRESENTAÇÃO

Joel Birman

UMA TRANSFORMAÇÃO ANTROPOLÓGICA DO SUJEITO

I. BORDAS, CONFINES, PROBLEMÁTICAS

Este livro de Claudine Haroche é redondo, sem arestas. Trata-se de uma marca que, no percurso de sua escrita concisa e elegante, impõe-se inequivocamente ao leitor. Do começo ao fim, mantém-se uma linha de desenvolvimento que demarca com precisão uma *problemática* central, não obstante os deslocamentos temáticos presentes em cada uma de suas quatro partes. A articulação conceitual se torna cada vez mais densa, em razão do inevitável efeito de *posterioridade* que cada um dos textos provoca na leitura daqueles que lhes antecedem. Na toada de seus 12 capítulos, os temas se diversificam e a estes se acrescem uma introdução e uma conclusão, em que a direção geral da obra se define. Sem qualquer favor, pode-se dizer que se trata de uma sinfonia teórica, declinada, de modo efetivo, em suas diversas variações.

Dos pontos de vista teórico e metodológico, trata-se de uma obra que decorre de uma pesquisa eminentemente transdisciplinar ou indisciplinar, dependendo de como se denominem as investigações inscritas nas *bordas* de diferentes disciplinas. Digo bordas, e não *fronteiras*, porque, nos *confins* de cada disciplina, sempre existe algo que provoca ruído na leitura de certas temáticas, e que, por isso mesmo, exige a interlocução com outras disciplinas para a sua devida elucidação teórica. De um lado, a existência de ruídos evidencia os limites epistemológicos das disciplinas; de outro, indica uma ampliação do campo de indagação teórica e a constituição de novos estilos de pesquisa.

Ao se inscreverem como linguagem, tais ruídos podem aceder ao registro da voz pela transformação da cacofonia informe numa escrita dotada de vigor e rigor. Assim, o que está em pauta nessa modalidade contemporânea de investigação é a construção de novas problemáticas pela costura meticulosa de janelas entreabertas por diferentes discursos teóricos. Ao mesmo tempo, o campo de cada uma das disciplinas concernidas se transforma pelo efeito de ricochete que se promove na declinação das problemáticas investigadas.

No que concerne a este livro, a costura se realiza pela leitura dos discursos da antropologia, da sociologia, da política e da filosofia. A colaboração da psicanálise se faz em surdina, quase sempre de maneira latente, como uma espécie de partitura que busca evidenciar as formações do inconsciente. Em sua composição, sobressaem-se dois ensaios culturais de Sigmund Freud: “Psicologia das massas e análise do eu” e “O mal-estar na civilização”¹.

2. O INDIVÍDUO E O SUJEITO EM QUESTÃO

Mas de que problemática se trata, afinal de contas? Com a intenção primordial de analisar os registros do sentido e do sentimento, Claudine Haroche trata de uma *genealogia* das categorias de *indivíduo* e *sujeito* na tradição ocidental, desde o século XVI até a contemporaneidade. Do Renascimento à atualidade, o significado atribuído a essas categorias se transforma de maneira radical, mas essas mudanças só podem ser evidenciadas por uma acurada leitura genealógica. Ademais, a leitura dessas categorias tem como contraponto permanente a interlocução com as formas assumidas pelas ordens social e política, cruciais para um empreendimento dessa envergadura. Com efeito, apartada dessas condições e concepções sociopolíticas, a leitura em questão se esteriliza, pois reduz as categorias de indivíduo e sujeito ao registro psicológico, empobrecendo a análise em curso.

Dito de outro modo, da sociedade de Corte à democracia contemporânea, passando pelo Antigo Regime e pela emergência do Estado Republicano, na aurora do século XIX, as diversas modalidades sociais e políticas se correlacionam às diferentes formas assumidas pelo ser do sujeito e pela condição do indivíduo. Por isso, ao se pensar devidamente as formas trágicas assumidas por essas categorias na atualidade, a leitura teórica proposta se revela inseparável de uma genealogia que ilumine suas diferentes concepções na *longa duração* histórica.

Sendo a contemporaneidade a condição de possibilidade dessa análise, evidencia-se a presença ostensiva do significante *fluides*, como marca antropológica eloqüente tanto da subjetividade quanto da individualidade. Ainda que esse significante remeta, de maneira óbvia, ao que é corrente na obra de Zygmunt Bauman, isto é, ao *líquido*², o que a autora pretende evidenciar é a emergência, no indivíduo, de *maneiras inéditas* de *sentir*. A genealogia presente na análise empreendida por Claudine Haroche se impõe para indicar o que existe de original na condição atual,

¹ FREUD, Sigmund. “Psychologie des foules et analyse du moi” (1921). Em: *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1981; *Malaise dans la civilisation* (1930). Paris: PUF, 1971.

² BAUMAN, Zygmunt. *Liquid modernity*. Cambridge: Polity Press, 2000.

isto é, para que as diferenças em relação às condições e figurações anteriores do sujeito se evidenciem numa leitura que atravessa cinco séculos da história do Ocidente.

O ponto de partida de sua exposição é a caracterização da individualidade pelas marcas da *moderação* e da *deferência*. No ritualismo que delineou as maneiras *de parecer*, havia um código de distância e de proximidade que definia a cartografia do espaço social. Pela mediação desse código simbólico, os laços sociais, conforme a proposição de Carlo Ginzburg³, permeavam-se da oposição *embaixo* x *acima*. Em consequência disso, as fronteiras entre os registros da *intimidade*, da *privacidade* e do *público* se mantinham no campo tanto do indivíduo quanto dos laços sociais.

Seria justamente isso a condição de possibilidade do enunciado da problemática da *governabilidade* nesse contexto histórico, no qual a governabilidade da *pólis* implicaria a sua estrita articulação com a governabilidade de *si*. Essa problemática, rigorosamente falando, foi a retomada, nos séculos XVI, XVII e XVIII, do que se desenvolvera na filosofia política da Grécia clássica, quando Platão sustentou o imperativo da governabilidade de si como condição precípua para a governabilidade do espaço social⁴. No contexto pós-renascentista, as teorias da civilidade procurariam realizar tal articulação por meio de duas estratégias retóricas, quais sejam, a politização da família e a familiarização da política, consideradas as diferentes tradições francesa e inglesa.

Essas marcas e rituais, bem estabelecidos na sociedade da Corte, começam a ser implodidos com a emergência da modernidade e da democracia no século XIX. Desde então, tais diferenças têm sido progressivamente silenciadas, bem como liquefeitas as espacialidades que lhes eram correspondentes, promovendo-se uma mistura ostensiva das cartas do jogo da *civilidade*. Outra gramática e outra sintaxe passam não só a regular os *gestos* das individualidades, como também a subverter a forma de ser do sujeito, pari passu a ascensão triunfante do individualismo.

A codificação da formalidade e do ritualismo, presentes nas maneiras de ser e de sentir, esfaca-se e a *informalidade* tende a ocupar a cena nos registros do indivíduo e dos laços sociais. Tal informalidade, portanto, apaga as distâncias, ao mesmo tempo que a *consideração* se dilui, tendo como seu desdobramento mais espetacular a crescente psicologização da experiência social, enunciada por Richard Sennett acerca da decadência do espaço público.⁵

Em outros termos, a individualidade *desengajada* se constitui como a contrapartida do incremento da *desigualdade*, da *injustiça* e da *indiferença*. No que concerne à última, aliás, Alexis de Tocqueville assinalou a disseminação de suas consequên-

³ GINZBURG, Carlo. *Mythes, emblèmes, traces: morphologie et histoire* (1986). Paris: Flammarion, 1989.

⁴ FOUCAULT, Michel. *Hermeneutique du sujet* (1982). Paris: Gallimard/Seuil, 2003.

⁵ SENNETT, Richard. *Les tyrannies de l'intimité* (1977). Paris: Seuil, 1979.

cias morais na democracia norte-americana já durante a primeira metade do século XIX,⁶ explicando-se, assim, como a categoria ética de *respeito* perde importância com a naturalização da *humilhação* e a constituição de indivíduos marcados pela *insignificância*.

A conjunção de todos esses fatores indica uma transformação antropológica de grande porte, na qual a *exteriorização* crescente do sujeito é correlata ao seu *empobrecimento* interior. Num mundo marcado pela tirania da visibilidade, a desarticulação entre os registros do *ver* e do *sentir* pode estabelecer-se de forma eloqüente. A figura do *pária*, analisado por Hannah Arendt no que concerne à condição judaica⁷, generalizou-se com a globalização, de tal forma que, no limite, a única coisa possível à individualidade é possuir a si mesma.

Nesse mesmo contexto, o registro do sensível se transforma de maneira radical. No capitalismo avançado, as transformações tecnológicas têm conduzido à *inatenção*, ao *estreitamento da consciência* e à *falta de simbolização dos sentimentos*, que se reduzem às *sensações*, conduzindo as individualidades, cada vez mais, para a ordem do corpo. O *divertir-se* passou a ser conjugado com o *ensurdecer-se*, e ambos têm se declinado pelo *isolar-se*. Metamorfoseado, o sensível adquire autonomia como sensação, algo inédito até há pouco tempo, já que se mantinha regulado pelos códigos e rituais da consideração e da deferência.

O progressivo estreitamento da consciência, desdobrada numa alteração do registro do pensamento, é a resultante mais pronunciada de tal transformação antropológica do sujeito. A articulação entre os registros da duração e do espaço, como enunciada por Henri Bergson⁸, quebrou-se, fazendo com que o pensamento perdesse sua efetiva base da sustentação. Por isso, em face da perda catastrófica dos pontos de referência simbólicos em que o sujeito estava ancorado, a fluidez ampla, geral e irrestrita não só nos condena, cada vez mais, a ordem corporal reduzida à pura sensorialidade, como também nos conduz, de forma evidente, à grande desordem.⁹

Evidentemente, está em pauta nesse questionamento, num desdobramento inesperado da democracia contemporânea, o impasse da governabilidade, uma vez que a regulação do espaço social se desatrelou da regulação do sujeito. Descoladas de maneira trágica, essas duas modalidades de governabilidade, da pólis e de si, anunciam, enfim, uma catástrofe de proporções incalculáveis.

⁶ TOCQUEVILLE, Alexis de. *De la Démocratie en Amérique* (1835). Paris: Vrin, 1990.

⁷ ARENDT, Hannah. *Le système totalitaire. Les origines du totalitarisme* (1951). Paris, Le Seuil, 1972.

⁸ BERGSON, Henri. *Essai sur les données immédiates de la conscience* (1913). Paris: PUF, 1970; *Durée et simultanéité: à propos de la théorie d'Einstein* (1922). Paris: PUF, 1998.

⁹ BALANDIER, Georges. *Le grand dérangement*. Paris: PUF, 2005.